

## Le CORBUSIER. DIÁRIO DE VIAGEM E ARQUITECTURA

Eduardo Salavisa

Artigo publicado na revista BDJornal nº9 de Janeiro de 2006

Os americanos ficaram fascinados com Le Corbusier (1887-1965) aquando da sua primeira estadia nos Estados-Unidos, em 1935, por este desenhar constantemente enquanto falava. Não era propriamente uma originalidade sua, pois há muitos artistas, e não só, que o fazem. É uma boa maneira de acompanhar uma conversa onde se tenta comunicar ou explicar algo. Trata-se de um desenho esquemático, com uma grande economia de meios e simplicidade formal, feito num tempo muito breve, com grande apoio da palavra escrita a fim de evitar ambiguidades nos conceitos que se pretendem definir, e ainda o uso de alguns sinais tais como setas, linhas a pontilhado ou outro tipo de convenções que representem percursos, itinerários ou qualquer outra coisa que se pretenda indicar. Le Corbusier usava este tipo de desenho, a que designava por “desenho taquigráfico” por analogia a “escrita taquigráfica”<sup>1</sup>, tanto no dia a dia, como nas suas viagens, como para transmitir as suas ideias perante as assistências nas muitas conferências para que era convidado. Durante toda a sua vida ele desenhava incansável e sistematicamente nos seus cadernos que sempre o acompanharam.

Foi na sua viagem, durante seis meses e denominada “*Voyage d’Orient*”, na qual percorreu alguns dos países da bacia mediterrânica, sobretudo Turquia, Grécia e Itália, entre 1910 e 1911, que decidiu definitivamente ser arquitecto e de Charles-Édouard Jeanneret passou a Le Corbusier, nome que adoptou e pelo qual ficou conhecido. Nesta viagem usou sempre o mesmo tipo de caderno, em número de seis, com capa preta, uns com folhas lisas e outros com folhas quadriculadas, e de formato 18x11 centímetros. Conhecem-se mais setenta e três cadernos de vários formatos, executados entre 1914 e 1964, não se tendo a certeza se correspondem à sua totalidade.

Os materiais usados eram os mais simples e práticos. A grafite, a caneta, os lápis de cor de cores diversas e por vezes, a aguarela. Além deste material mínimo transportava habitualmente um par de binóculos para poder observar detalhes remotos e uma máquina fotográfica que usou, ao longo da sua vida, como instrumento precioso que lhe permitia fazer rapidamente uma síntese do que estava a analisar. Em 1911, antes da sua partida para a viagem ao Oriente adquiriu uma máquina com bastante precisão técnica que usava, por vezes, com tripé. “*O resultado era um modo conciso de ver a realidade que, de qualquer modo, era sempre subordinado aos desenhos, esboços e apontamentos escritos*”<sup>2</sup>. Conciliava os vários instrumentos de que dispunha para tentar compreender o que observava, usando tanto a máquina fotográfica, como o lápis, a caneta ou as aguarelas, mas dando sempre a primazia aos registos gráficos feitos no seu diário, onde por vezes, apontava o número da fotografia que tinha tirado sobre aquele motivo. O seu modo de trabalhar fazia parte dum método preciso que aprendeu e praticou na escola de artes-e-ofícios na sua terra natal, La Chaux-de-Fonds, na Suíça, e que ao longo dos anos foi aperfeiçoando.

Apesar de haver uma grande homogeneidade nos seus registos feitos nos numerosos cadernos realizados ao longo de toda a sua vida, existem, naturalmente, algumas

---

<sup>1</sup> Taquigrafia. Processo de escrever tão depressa como se fala por meio de caracteres convencionais especiais.

<sup>2</sup> GRESLERI, Giuliano in Le Corbusier (2002), *Voyage d’Orient. Carnets*. Electa.Architecture. Milão

diferenças, não só “*técnicas, mas sobretudo anímicas. A necessidade juvenil de abarcar tudo e não esquecer nenhum detalhe dá lugar a uma visão mais solta, mais livre, com mais economia de meios, apenas apontamentos e alguma frase para agarrar uma sensação mais que uma descrição*”<sup>3</sup>.

Na sua estadia de três semanas em Atenas fez incursões à Acrópole durante todos os dias, onde fazia registos do Partenon<sup>4</sup> e de outros templos, a partir de vários pontos de observação e a diferentes horas e conseqüente luz do dia. Tinha particular atenção ao movimento como se percorresse um determinado percurso, que traduzia com uma seqüência de várias imagens (figs 1 e 2). O seu método de abordagem permitia-lhe, em linguagem quotidiana, “ter distintos pontos de vista” ou “olhar as coisas de cima” ou ainda “vê-las de fora” ou então, numa linguagem mais técnica, mostrar os diferentes olhares de quem planifica, de quem utiliza (o utente ou cidadão) e de quem vê como simples espectador ou apreciador de arquitectura.



Fig.1 – Atenas. Acrópole vista do exterior

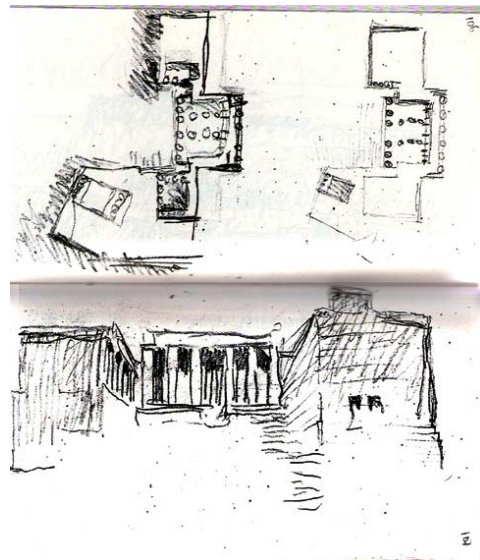


Fig.2 – Atenas. Entrada na Acrópole  
Plantas e fachadas de Propileus<sup>5</sup>

O seu método consistia em registar o mesmo motivo em diferentes posições e com diferentes tipos de representação (figs 3 e 4). Ou realizava um tipo de desenho mais técnico, com vistas de cima, vistas de lado, em axonometrias (tipo de desenho mais usado, naquela altura, pelos engenheiros), ou então perspectivas lineares ou cónicas; por vezes uma vista “em corte” ou ampliação de um pormenor, quando precisava de explicar algo com mais precisão; ou ainda uma panorâmica de longe de modo a inserir o edifício observado na paisagem envolvente. Mais tarde entusiasma-se ao registar as vistas observadas do alto, nas suas frequentes viagens de avião, o que lhe permite descobrir, numa escala diferente, as paisagens naturais e as construídas.

<sup>3</sup> VILLALOBOS ALONSO, Daniel (2004)

<sup>4</sup> Partenon. Templo grego (438<sup>a</sup>.C.) integrado na Acrópole de Atenas

<sup>5</sup> Propileus. Monumento grego à entrada da Acrópole

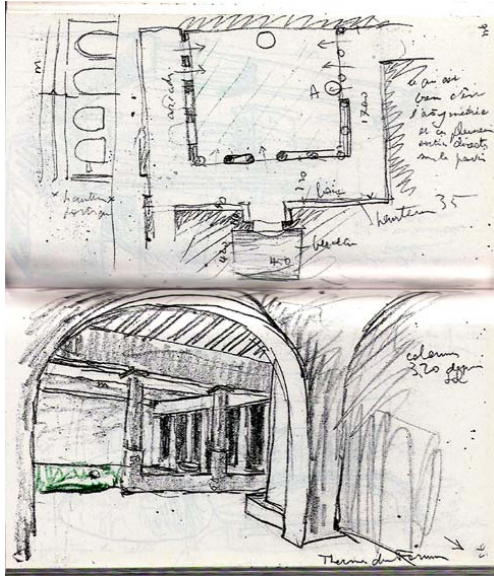


Fig.3 – Pompeia. Planta e Entrada de termas

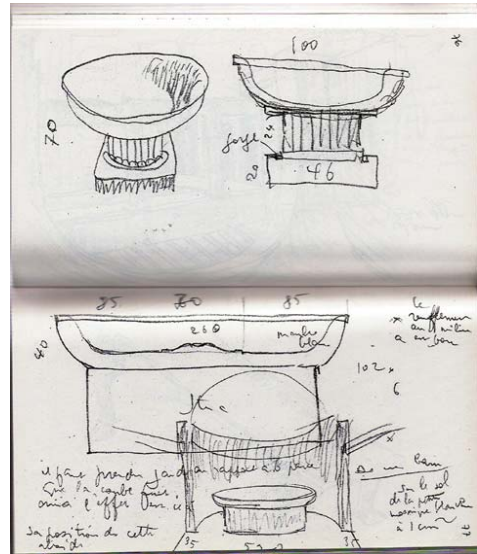


Fig.4 – Perspectiva, vistas, “corte” e medidas de uma banheira das termas

O uso do lápis de cor justifica-se quando é necessário realçar algum espaço, indicar um percurso ou transmitir alguma ideia suplementar (fig. 5). A escrita é usada profusamente, por vezes em páginas inteiras, e serve para chamar a atenção para partes essenciais do motivo analisado, para o seu modo de construção, para a cor, o material, as dimensões; faz, por vezes, a comparação, também por escrito e por desenho, com outros objectos já vistos e documentados anteriormente (fig. 6)

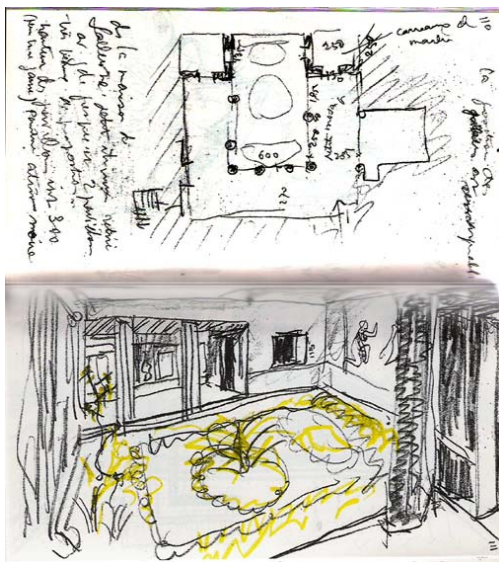


Fig.5 – Pompeia. Planta e interior de casa romana. Uso do lápis de cor para demarcar espaços

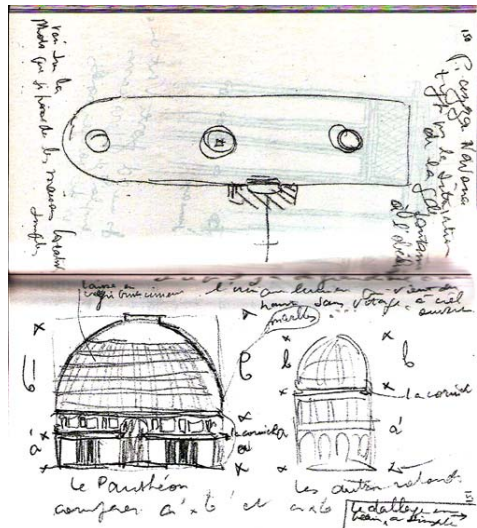


Fig.6 – Roma. Praça Navona  
Indicação de fotografia tirada no local  
Comparação entre dois edifícios

Usa o caderno tanto na posição horizontal como na vertical, conforme o motivo representado, por vezes uma página de uma maneira e a página seguinte de outra. Podemos encontrar páginas completamente riscadas e inutilizadas. Acontece também

aparecerem bastantes páginas seguidas em branco. Todas as páginas são sempre numeradas. Acumula nestes cadernos tanto o registo de observação do que vai vendo e vivendo, como esboços de trabalho de projecto, cálculos, notas, comentários ou desenhos de arquitectura. Ele escreve e desenha com muita fluidez. Ao longo da viagem ao Oriente, além dos cadernos, escreve também vinte longas cartas aos seus pais, além de outras para várias pessoas.

Os seus desenhos, como ele próprio reconhecia, dão acesso aos segredos de todo o seu trabalho. Não se podem considerar, nem pretendem ser considerados, virtuosos tecnicamente; eles são a expressão das suas ideias e explicam o seu processo de concepção, o seu método de criação artística. Mas para ele o mais importante de tudo é o gozo físico de se poder expressar livremente, de mover a mão à vontade sobre o papel.

Um dos lugares que mais o fascinou, contribuindo para a sua criatividade como arquitecto, foi a Vila Adriana, situada no Tivoli arredores de Roma. Local onde Adriano<sup>6</sup> construiu a sua Vila à semelhança dos muitos lugares por onde viajou e amou. Transmite-nos uma procura de beleza e de paz espiritual e para alguns autores “*é um exercício notável de experimentação tipográfica, pela variedade de formas espaciais ligadas a funções diversas*”<sup>7</sup>. Está perfeitamente integrada numa colina com os seus altos e baixos, com terraços, com um engenhoso sistema de percursos, um para as pessoas que vivem ou usufruem do lugar e outro para as pessoas e as carroças que fazem a sua manutenção, com estruturas de iluminação muito eficazes, construídas à boa maneira romana, com cursos de água subterrâneos e outras imensas soluções que Le Corbusier registou em quase uma centena de páginas do seu caderno de viagens e que, mais tarde, aplicou nos seus projectos. Os seus desenhos eram, assim, constantemente utilizados e reutilizados, mesmo passados vários anos, constituindo a sua imaginação e alimentando o seu processo criativo.

#### BIBLIOGRAFIA:

- Le CORBUSIER (2002) *Voyage d'Orient. Carnets Electa*.Architecture, Milão  
MOLINA, Juan José Gomez (1999) *Estratégias del Dibujo en el Arte Contemporáneo*, Cátedra, Madrid.  
VILLALOBOS ALONSO, Daniel (2004) *Hasta los pies del Himalaya. Cuadernos de Dibujos de Viage*, Universidad de Valladolid, Valladolid

#### FIGURAS:

- Fig.1 - Le CORBUSIER (2002) *Voyage d'Orient. Carnets Electa*.Architecture, Milão. Caderno 3. Pag.122 e 123  
Fig. 2 – Idem. Caderno 3. Pag. 106 e 107  
Fig. 3 – Idem. Caderno 4. Pag. 74 e 75  
Fig. 4 – Idem. Caderno 4. Pag. 76 e 77  
Fig. 5 – Idem. Caderno 4. Pag. 110 e 111  
Fig. 6 – Idem. Caderno 4. Pag. 150 e 151

Lisboa, Dezembro de 2005

---

<sup>6</sup> Imperador romano (século I d.C.) viajante e amante da cultura mediterrânica

<sup>7</sup> VILLALOBOS ALONSO, Daniel (2004)